



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PESCAS

DIRECÇÃO NACIONAL DE FLORESTAS E FAUNA BRAVIA

Relatório Estatístico Anual

1998

Maputo, Março de 1999

ÍNDICE

I.	Introdução	1
II.	Intervenientes do Sistema de informação	2
III.	Controle da Exploração Florestal	3
IV.	Produção Florestal	4
	4.1. Produção de Lenha, Carvão e Estacas	4
	4.2. Evolução da Produção de Lenha e Carvão	5
	4.3. Produção de Madeira em Toros	6
	4.4. Evolução da Produção de madeira em Toros.....	7
	4.5. Produção de Toros por Espécie	8
	5.1. Produção de Madeira Serrada e Outros Produtos Transformados	9
	5.2. Evolução da Produção de madeira Serrada.....	10
	5.3. Evolução de Produção de Outros Produtos Transformados	11
VI.	Exportações.....	11

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Controle da exploração florestal.....	3
Tabela 2.	Produção escoada	4
Tabela 3.	Evolução da produção de lenha e carvão.....	5
Tabela 4.	Produção de toros 1998	6
Tabela 5.	Evolução da produção de madeira em toros	7
Tabela 6.	Produção de toros por espécie	8
Tabela 7.	Produção industrial de 1998	9
Tabela 8.	Evolução da produção de madeira serrada	10
Tabela 9.	Evolução de produção de outros produtos transformados.....	11
Tabela 10.	Exportações de produtos madeireiros de 1998.....	12
Tabela 11.	Evolução das exportações de toros e madeira serrada.....	12

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Evolução da produção de lenha e carvão.....	5
Figura 2.	Evolução da produção de madeira em toros.....	7
Figura 3.	Evolução da produção de madeira serrada	10
Figura 4.	Evolução de produção de outros produtos transformados.....	11
Figura 5.	Evolução das exportações de toros e madeira serrada.....	12

I. Introdução

A estatística florestal constitui uma ferramenta importante para a planificação correcta e manejo sustentável dos recursos. Por conseguinte, a existência de uma base de dados e uma informação de qualidade são indispensáveis para que qualquer acção se torne eficiente no sector florestal e faunístico.

No que diz respeito ao sector de Florestas e Fauna Bravia, constata-se que os dados referentes aos recursos são muito limitados, fragmentados, inconsistentes e questionáveis, o que tem dificultado o exercício de formulação e análise de políticas, e adopção de estratégias apropriadas para a utilização sustentada dos mesmos.

Por conseguinte, estas condições tem conduzido a que o sistema de informação seja fraco, com enormes deficiências no fluxo de informação.

Considerando que o sistema de informação é definido como sendo um sistema por meio do qual os dados são obtidos, processados e transformados em informações, de forma esquematizada e ordenada, de modo a servirem de base para o processo de tomada de decisões, o fluxo de informação existente entre os SPFFB \longleftrightarrow DNFFB no que concerne a prestação regular de informação estrangula todo o processo.

Apesar de os prazos de entrega de informação desde o nível provincial até ao central já estarem estabelecidos os mesmos praticamente que não se respeitam, com os SPFFB a alegarem diversas razões, desde a falta de papel até a não prestação de informação por parte dos operadores. Esta última razão é a que mais se destaca.

No entanto, deve-se referir que a obrigação de prestar informação estatística de todos os serviços ou entidades que exerçam a exploração florestal ou entidades que exerçam a exploração ou industrialização florestais, dos concessionários de exploração florestal, das indústrias de serrações mecânicas e de outras actividades transformadoras dos produtos florestais; dos exportadores e importadores, encontra-se prevista no artigo 145 e seguintes, do Regulamento Florestal de Moçambique vigente, aprovado pelo DL nº 2642 de 20 de Setembro de 1965.

Por outro lado, sabe-se que para algumas empresas operarem precisam de matéria prima (toros) e para tal devem solicitar uma licença de exploração aos SPFFB. No entanto, os SPFFB não usam este instrumento como forma de obriga-los a fornecer os dados.

Outro aspecto a salientar que também pode concorrer para este estrangulamento, é a falta de feed-back por parte da instituição central, o faz com os técnicos que se dedicam a recolha da informação não vejam o resultado dos seus esforços.

II. Intervenientes do Sistema de informação

Formam o sistema de informação do sector florestal e faunístico as seguintes entidades: Serviços Provinciais de Florestas e Fauna Bravia (SPFFB), o sector privado, a Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravia (DNFFB), a Direcção de Economia (DE) e o Instituto Nacional de Estatística (INE), cada uma com funções específicas.

Os **SPFFB** são responsáveis pela recolha de dados a nível da província e verificar a sua autenticidade, cabe-lhes o papel de emitir licenças de exploração, fazer a fiscalização assim como cobrar taxas e multas, cabe-lhes também a responsabilidade de controlar a actividade das unidades de processamento e operadores florestais a fim de garantir a utilização dos recursos numa base de princípios de uso sustentado; o **sector privado** compreende todas as entidades que exercem a exploração florestal, as indústrias de serrações mecânicas, os exportadores e importadores de produtos florestais em bruto ou industrializados, e está envolvido na utilização, transformação de produtos e serviços do sector; a **DNFFB** a instituição do estado responsável pela implementação da política sectorial relativa aos recursos florestais e faunísticos, competindo-lhe proteger, conservar e promover a utilização sustentável dos recursos, a **DE** que através do seu departamento de estatística, constitui a ligação entre a DNFFB e o MPF, e o **INE** que é o organismo com direitos de publicação das estatísticas nacionais.

III. Controle da Exploração Florestal

Esta tabela dá o resultado das actividades referentes á exploração florestal, nomeadamente a emissão de licenças de corte para os produtos florestais, as quantidades que foram autorizadas assim como as receitas resultantes das taxas cobradas no processo de licenciamento.

Tabela 1. Controle da exploração Florestal

(a) Número de Licenças
(b) Volume Autorizado
(c) Valor em Contos do Licenciamento

Provincia		Lenha (st)	Carvão (sacos)	Toros (m3)	Estacas (st)	Outros (st)	Receitas (mil contos)
Maputo	(a)	168	Nd	29	Nd	4	
	(b)	129.781,0	Nd	210,0	Nd	7.890,0	
	(c)						57,1
Gaza	(a)	18	27	19	30	5	
	(b)	8.556,0	49.094,0	1.902,0	1.050,0	12.800,0	
	(c)						76,4
Inhambane	(a)		Nd	156		Nd	
	(b)	1.446,0	Nd	13.739,0	680,0	nd	
	(c)						204,8
Sofala	(a)	2	134	243	7	18	
	(b)	302,0	163.516,0	25.217,4	80,0	240,0	
	(c)						467,6
Manica	(a)	76	76	169	25	28	
	(b)	52.743,0	72.845,0	33.407,2	1.540,0	7.600,0	
	(c)						870,0
Tete	(a)	503	54	46	22	Nd	
	(b)	101.600,0	11.240,0	1.245,0	955,0	Nd	
	(c)						56,5
Zambézia	(a)	Nd	Nd	40	Nd	Nd	
	(b)	Nd	Nd	12.722,0	Nd	Nd	
	(c)						Nd
Nampula	(a)	134	Nd	25	Nd	Nd	
	(b)	14.150,0	118.350,0	8.802,7	1.588,0	8.250,0	
	(c)						235,6
C.delgado	(a)	348	Nd	328	Nd	Nd	
	(b)	7.650,0	9.222,0	23.231,0	2.250,0	3.200,0	
	(c)						427,8
Niassa	(a)	30	6	17	Nd	1	
	(b)	13.300,0	2.050,0	3.617,5	Nd	30,0	

	(c)						22,6
NACIONAL	(a)	1279	297	1072	84	56	
	(b)	329.528,0	426.317,0	124.093,8	8.311,0	40.010,0	
	(c)						2.418,7

Um dado de extrema importância que não é fornecido pelos SPFFB é o das espécies que são licenciadas. Somente uma parte das províncias aquando do preenchimento das fichas a enviar á DNFFB especifica que espécies foram licenciadas.

Outros reparos a fazer relativamente á tabela acima são:

- 1) SPFFB-Maputo, não especificam que quantidades de lenha e de carvão são licenciadas. Dá um valor que corresponde aos dois produtos o que não está certo;
- 2) SPFFB-Zambézia, os dados referentes ao licenciamento de combustíveis lenhosos e a materiais de construção não foram fornecidos alegando serem estes produtos licenciados ao nível do distrito;
- 3) SPFFB-Nampula, o número de licenças apresentado (134) refere-se ao total de licenças emitidas para produtos lenhosos e materiais de construção;
- 4) SPFFB-Cabo-delgado, o número de licenças apresentado (348) refere-se ao total de licenças emitidas para produtos lenhosos e materiais de construção;
- 5) SPFFB-Niassa; não foram licenciadas estacas;
- 6) SPFFB-Manica, também foram emitidas 6 licenças para lenha exótica, 21 licenças para toros de espécies exóticas e 9 licenças para estacas exóticas.

IV. Produção Florestal

4.1. Produção de Lenha, Carvão e Estacas

A tabela 2 dá o informe sobre as quantidades de produtos florestais que foram escoadas das zonas de corte sob guias de trânsito.

Uma insuficiência que esta tabela apresenta é o facto de não vir acompanhada de dados relativos aos volumes abatidos num determinado periodo, para com base nessa informação se fazer uma comparação entre o que foi abatido e o que foi escoado; e quanto continua na mata por escoar.

Tabela 2. Produção escoada

Província	Lenha (esteres)	Carvão (sacos)	Estacas (esteres)	Outros** (esteres)
Maputo	115.322,0	nd	nd	7.123,0
Gaza	8.556,0	40.500,0	nd	nd
Inhambane	1.446,0	nd	nd	nd
Sofala	302,0	163.516,0	80,0	240,0
Manica*	41.891,0	51.631,0	846,0	2.916,0
Tete	29.333,0	5.900,0	735,0	nd
Zambézia	nd	nd	nd	nd
Nampula	14.150,0	118.350,0	176,7	296,8
Cabo-delgado	819,0	4.752,0	nd	9.204,0

Niassa	13.300,0	2.050,0	nd	30,0
NACIONAL	234.396,0	386.699,0	1.837,7	19.809,8

* Refere-se a espécies nativas

nd: não disponível. Embora se tenha feito o licenciamento para estes produtos, não se dispõe da informação referente às quantidades escoadas

**Outros refere-se a bambús e caniços

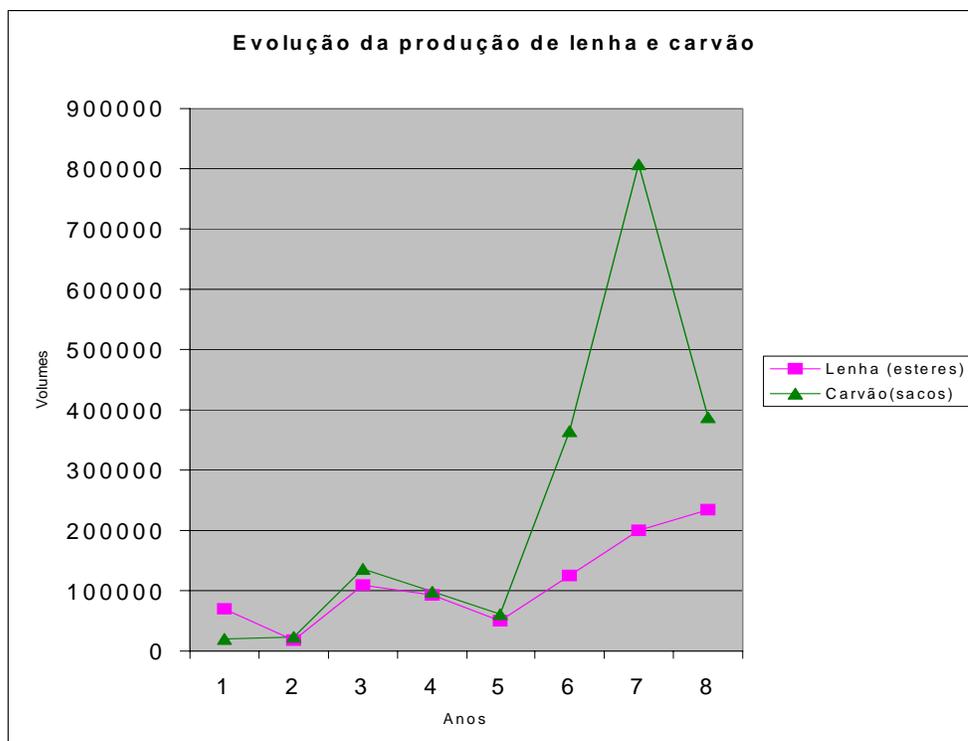
A produção de carvão apresentou um índice de realização de cerca de 90% do volume autorizado; a lenha cerca de 71% ; e as estacas somente 22% do volume autorizado para o ano de 1998.

4.2. Evolução da Produção de Lenha e Carvão

Tabela 3. Evolução da produção de lenha e carvão

Anos	Lenha (esteres)	Carvão(sacos)
1991	68.792,10	19.375,50
1992	17.758,00	23.745,00
1993	109.794,50	136.188,00
1994	92.088,00	98.024,50
1995	50.437,60	60.655,20
1996	124.328,70	363.393,00
1997	199.671,80	806.498,00
1998	234.396,00	386.699,00

Figura 1. Evolução da produção de lenha e carvão



Como se pode verificar pela tabela acima, a produção de lenha, nos últimos 3 anos (a partir de 1995) que tem apresentado uma tendência de crescimento no seu consumo, com as províncias de Maputo, Manica e Tete a apresentarem respectivamente 25%, 18% e 13% da produção total do país.

Por seu turno, na produção de carvão, as províncias de Sofala, Nampula e Maputo apresentaram cerca de 42%, 31% e 15% respectivamente.

4.3. Produção de Madeira em Toros

Durante o ano de 1998, a produção de toros atingiu um volume de **119.761 m³**, nível quase igual ao atingido em 1997 de **120.557,8 m³**, com uma diferença de apenas 0.7%.

No entanto, para o ano de 1998, tinha-se previsto um aumento de produção em cerca de 10% relativamente ao ano de 1997, ou seja previa-se atingir um volume de cerca de **132.614 m³**; conforme a tabela seguir

Tabela 4. Produção de toros 1998

Produto	Unid	Produção Real 1997 (a)	Produção Estimada 1998 (b)	T.C(% (b)/(a)	Produção Real_1998 ©	T.C(% ©/(a)
Toros	M3	120.557,8	132.614,0	10	119.761,0	0.7

É apontada como principal razão o fenómeno El-Niño que se fez sentir durante o primeiro trimestre de 1998, provocou grandes precipitações que impediram o acesso às áreas de corte, principalmente nas províncias de maior potencial madeireiro, diminuindo deste modo os índices de exploração de toros.

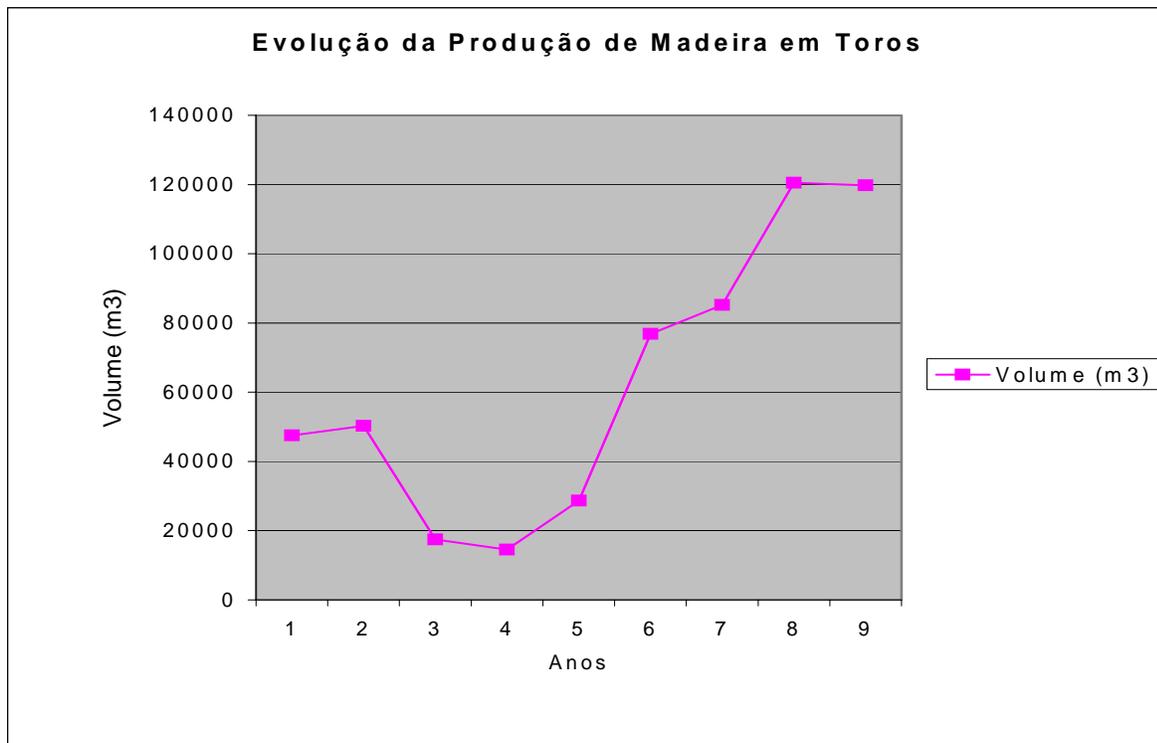
4.4. Evolução da Produção de madeira em Toros

A evolução da produção de toros nos últimos anos é dada na tabela seguinte

Tabela 5. Evolução da Produção de madeira em Toros

Período (Anos)	Volume (m3)
1990	47.479,0
1991	50.280,0
1992	17.399,8
1993	14.544,9
1994	28.653,6
1995	76.848,2
1996	85.160,1
1997	120.557,8
1998	119.761,0

Figura 2. Evolução da Produção de madeira em Toros



4.5. Produção de Toros por Espécie

A informação sobre as espécies exploradas durante o ano de 1998, só foi fornecida pelos SPFFB mencionados na tabela 5. As restantes províncias apenas se limitaram a facultar o volume total de madeira em toros, não tendo feito referência as espécies

Tabela 6. Produção de Toros por espécie

Província	Produto	Espécie (nome comercial)	Espécie (nome científico)	Unid	Volume	Total
Zambézia	Toros	Umbila	<i>Pterocarpus angolensis</i>	m3	4.486,00	7.472,00
	Toros	Pau-ferro	<i>Swartzia madagascarensis</i>	m3	1.701,00	
	Toros	Chanfuta	<i>Afzelia quanzensis</i>	m3	350	
	Toros	Umbaua	<i>Khaya niasica</i>	m3	200	
	Toros	Nhacuada	<i>Swartzia madagascarensis</i>	m3	285	
	Toros	Meduro	<i>Pteleopsis myrtifolia</i>	m3	200	
	Toros	Jambirre	<i>Millettia stuhlmannii</i>	m3	100	
	Toros	Messassa	<i>Julbernardia globiflora</i>	m3	150	
Niassa	Toros	Umbaua	<i>Khaya niasica</i>	m3	1772,8	3.571,00
	Toros	Umbila	<i>Pterocarpus angolensis</i>	m3	270,2	
	Toros	_____	<i>Dalbergiella nyasae</i>	m3	101	
	Toros	Messassa	<i>Brachystegia spiciformis</i>	m3	53,6	
	Toros	Mucarala	<i>Burkea africana</i>	m3	73,2	
	Toros	_____	<i>Faurea speciosa</i>	m3	24,5	
	Toros	Chanfuta	<i>Afzelia quanzensis</i>	m3	36,3	
	Toros	Jambirre	<i>Millettia stuhlmannii</i>	m3	101,7	
	Toros	Pinus sp	<i>Pinus sp</i>	m3	1.091,00	
	Toros	Eucaliptus sp	<i>Eucaliptus sp</i>	m3	18,8	
	Toros	Mugonha	<i>Breonadia microcephala</i>	m3	23,1	
Cabo- Delgado	Toros	Umbila	<i>Pterocarpus angolensis</i>	m3	8.044,00	10.761,00
	Toros	Pau-ferro	<i>Swartzia madagascarensis</i>	m3	565	
	Toros	Chanfuta	<i>Afzelia quanzensis</i>	m3	422	
	Toros	Metonha	<i>Sterculia quinqueloba</i>	m3	70	
	Toros	Jambirre	<i>Millettia stuhlmannii</i>	m3	1.290,00	
	Toros	Pau-preto	<i>Dalbergia melanoxylon</i>	m3	364	
	Toros	Messinge	<i>Terminalia sp</i>	m3	6	
Sofala	Toros	Messassa	<i>Julbernardia globiflora</i>	m3	8.142,20	
	Toros	Missanda	<i>Erythrophloeum suaveolens</i>	m3	2.894,80	
	Toros	Jambirre	<i>Millettia stuhlmannii</i>	m3	2.532,40	
	Toros	Umbila	<i>Pterocarpus angolensis</i>	m3	4.909,30	
	Toros	Chanfuta	<i>Afzelia quanzensis</i>	m3	1.985,90	
	Toros	Mecrusse	<i>Androstachys johnsonii</i>	m3	707,4	
	Toros	Pau-rosa	<i>Berchemia zeyheri</i>	m3	219,2	
	Toros	Pau-preto	<i>Dalbergia melanoxylon</i>	m3	39,5	
	Toros	Chacate-preto	<i>Guibourtia conjugata</i>	m3	63,6	
	Toros	Mipepe	_____	m3	439,3	
	Toros	Mefula	_____	m3	834,4	
	Toros	Sumauma (Meguza)	<i>Bombax rhodognaphalon</i>	m3	1.647,80	
	Toros	Umbaua	<i>Khaya niasica</i>	m3	290,2	

Toros	Mugonha	Breonardia microcephala	m3	71,8	
Toros	Pau-ferro	Swartzia madagascarensis	m3	50	
Toros	Munangari	Combretum imberbe	m3	389,5	25.217,40

V. Produção Industrial

5.1. Produção de Madeira Serrada e Outros Produtos Transformados

O panorama apresentado na área de industrial, concretamente na produção de Madeira serrada, é negativo, com a produção real deste produto a atingir um nível abaixo de previsto.

A queda de produção de Madeira serrada que se observou neste ano, comparativamente ao ano de 1997 (tabela 7), deveu-se fundamentalmente às seguintes razões:

- A maior parte das unidades de transformação de madeira localiza-se nas províncias de Maputo, Sofala e Manica.
- Os operadores madeireiros, normalmente fazem o aprovisionamento da madeira em toros para o processamento nas serrações antes do período chuvoso. Em virtude do fenómeno El-niño, não fizeram stocks consideráveis de matéria-prima; daí que as chuvas que se verificaram durante o primeiro trimestre do ano de 1998, dificultou o acesso às áreas de corte, resultando na diminuição dos índices de produção de Madeira Serrada.
- A situação ora referida, afectou sobretudo a EMPACOL, o grande consumidor de matéria prima em Sofala
- Para além disso, o IFLOMA, outro maior produtor do país em Manica, para além dos problemas de chuva acima referenciados, atravessa sérios problemas de gestão e conservação do equipamento de exploração, transporte e processamento o que tem diminuído para uma progressiva redução dos volumes de produção.

Relativamente aos outros produtos, apesar deste quadro negativo, Parquet e Folheados apresentaram índices de produção satisfatórios, cerca de 74% e 14%. Para o caso de Parquet, a sua maior contribuição foi dada pela empresa Engil_Moçambique, sediada na província de Maputo.

Tabela 7. Produção Industrial de 1998

Produto	Unid	Produção Real 1997 (a)	Produção Estimada 1998 (b)	T.C(% (b)/(a)	Produção Real_1998 ©	T.C(% ©/(a)
Madeira Serrada	M3	32.550,2	32.550,2	0	28.180,0	- 13
Parquet	M2	9.448,0	10.393,0	10	16.394,0	74
Contraplacado	M3	959,0	1.055,0	10	662,0	- 31
Folheados	M3	2.454,0	2.699,0	10	2.792,5	14
Postes	M3	8.925,6	9.818,0	10	8.570,3	- 4

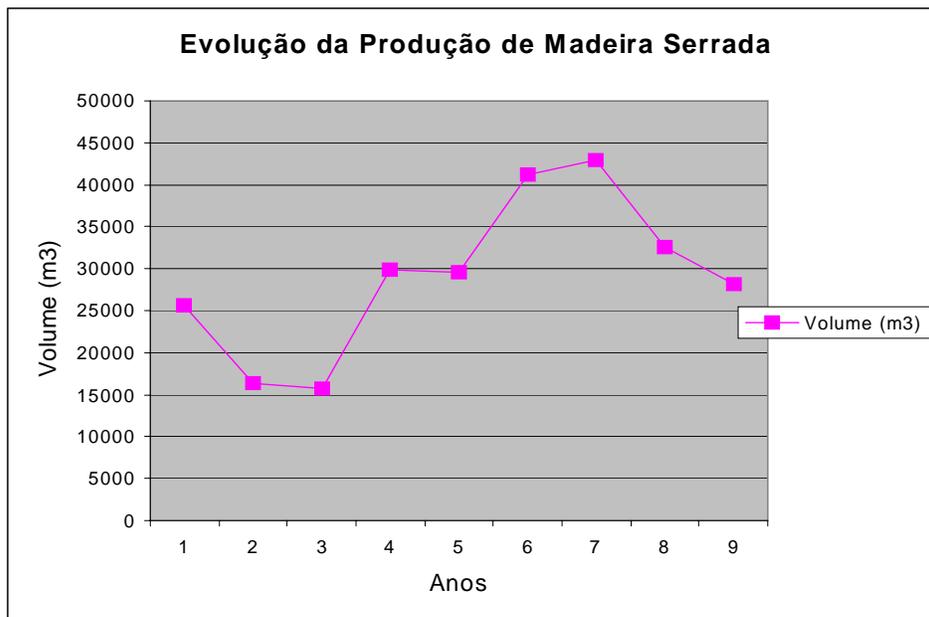
5.2. Evolução da Produção de madeira Serrada

A Evolução da Produção de madeira Serrada é indicada na tabela abaixo

Tabela 8. evolução da Produção de Madeira Serrada

Anos	Volume (m3)
1990	25.661,00
1991	16.403,00
1992	15.665,00
1993	29.938,90
1994	29.525,70
1995	41.252,00
1996	42.972,20
1997	32.550,20
1998	28.180,00

Figura 3. Evolução da Produção de Madeira Serrada



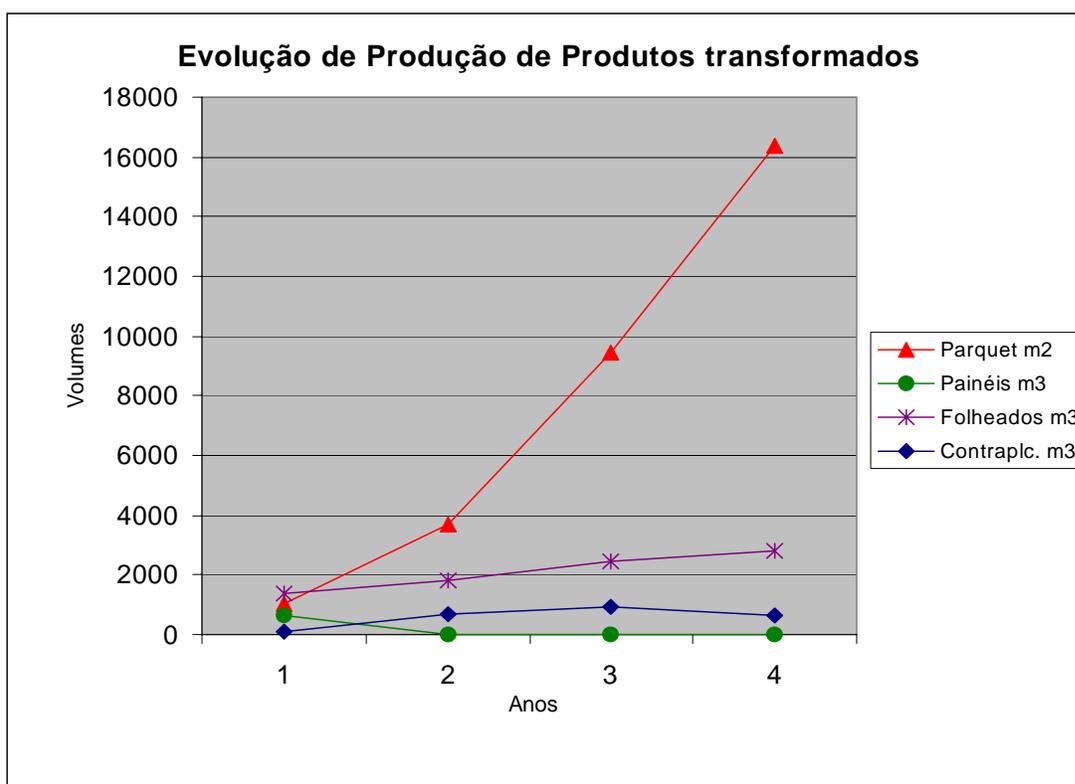
5.3. Evolução de Produção de Outros Produtos Transformados

Tabela 9. Evolução de Produção de Outros Produtos Transformados

Período (Anos)	Parquet (m2)	Painéis* (m3)	Folheados (m3)	Contraplç. (m3)
1995	1.041,7	629,9	1.386,1	78,5
1996	3.709,0	-	1.824,0	697,0
1997	9.448,0	-	2.454,0	959,0
1998	16.394,0	-	2.792,5	662,0

* A produção de painéis era efectuada pela Ifloma. De alguns anos para cá que esta produção encontra-se paralisada.

Figura 4. Evolução de Produção de Outros Produtos Transformados



VI. Exportações

6.1. Exportações de Produtos Madeireiros de 1998

As exportações de produtos madeireiros efectuadas durante o ano de 1998, são indicadas na tabela 10

Tabela 10. Exportações de Produtos Madeireiros de 1998

Produto	Volume	Valor (USDx1000)
Toros	24.035,4 M3	5.294,64
Toros	619,97 TON	324,73
Madeira Serrada	9.402,87 M3	2.660,10
Madeira Serrada	10.680,0 Pcs	195,30
Parquet	3.658,7 M2	60,39
Parquet	629,2 M3	336,39
Folheado	4.479,6 M2	49,98
Folheado	86,4 M3	95,51
Postes	1.6761,3 M3	300,88
Pcs=peças de madeira		9.317,92

6.2. Evolução das Exportações de Toros e Madeira Serrada

Tabela 11. Evolução das Exportações de Toros e Madeira Serrada

Anos	Toros (m3)	M.Serrada (m3)
1990	1.017,5	164,5
1991	789,7	198,8
1992	1.667,8	157,0
1993	902,9	799,1
1994	909,6	1.661,0
1995	2.308,7	1.618,7
1996	26.873,4	2.158,7
1997	52.386,0	690,7
1998	24.655,4	9.402,9

Figura 5. Evolução das Exportações de Toros e Madeira Serrada

